


**Políticas institucionais e movimentos sociais: a trajetória de Federico  
Sobre Marrom e amarelo, de Paulo Scott**

*Institutional Policies and Social Movements: Federico's Trajectory  
About Marrom e Amarelo, by Paulo Scott*

Autoria: Ivone Daré Rabello

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0329-7279>

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3129853381967128>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2022.204454>

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/204454>

Recebido em: 15/10/2022. Aprovado em: 13/11/2022.

---

**Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira**



São Paulo, Ano 11, n. 21, ago.-dez., 2022.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e  
Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>.

Contato: [opiniaes@usp.br](mailto:opiniaes@usp.br)

 [fb.com/opiniaes](https://www.facebook.com/opiniaes)  [@revista.opiniaes](https://www.instagram.com/revista.opiniaes)

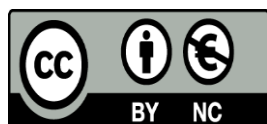
---

**Como citar (ABNT)**

RABELLO, Ivone Daré. Políticas institucionais e movimentos sociais: a trajetória de  
Federico – Sobre Marrom e amarelo, de Paulo Scott. *Opiniões*, São Paulo, n. 21, pp. 103-  
112, 2022. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2022.204454>.  
Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/204454>.

---

**Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)**



Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais.

---

políticas institucionais e  
movimentos sociais:  
a trajetória de federico.  
sobre *marrom e  
amarelo*, de paulo scott

Institutional Policies and Social Movements: Federico's Trajectory  
About Marrom e Amarelo, by Paulo Scott

**Ivone Daré Rabello<sup>1</sup>**

Universidade de São Paulo – USP

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2022.204454>

---

<sup>1</sup> Ivone Daré Rabello é professora aposentada do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (USP). Autora, entre outros de *Um canto à margem. Uma leitura da poética de Cruz e Sousa* (São Paulo: Edusp/Nankin, 2006) e *A caminho do encontro. Uma leitura de Contos novos* (São Paulo: Ateliê, 1999), Organiza, junto com os Professores Anderson Gonçalves e Edu Teruki Otsuka, o grupo *Formas culturais e sociais contemporâneas* ([formasculturais.net](http://formasculturais.net)). Publicou vários ensaios, muitos deles sobre Carlos Drummond de Andrade. E-mail: [ivonedare@uol.com.br](mailto:ivonedare@uol.com.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0329-7279>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3129853381967128>.

**Resumo**

O ensaio investiga o romance *Marrom e amarelo*, de Paulo Scott, no quadro das discussões contemporâneas sobre a luta por integração das comunidades negras e as ações governamentais.

**Palavras-chave**

Literatura brasileira contemporânea. A questão negra. Políticas institucionais e movimentos sociais.

**Abstract**

The essay investigates the novel *Marrom e Amarelo*, by Paulo Scott, within the framework of contemporary discussions about the struggle for integration of black communities and government actions.

**Keywords**

Contemporary Brazilian literature. The black question. Institutional policies and social movements.

Lançado em 2019, *Marrom e amarelo*<sup>2</sup> trata ficcionalmente do racismo de um modo bastante particular. Não se limita à representação do sofrimento psicossocial de uma personagem, tampouco se concentra na revelação dos problemas sociais e culturais de uma comunidade negra ou dos participantes dela diante dos preconceitos e intolerâncias da chamada “sociedade branca”. Embora isso também esteja no romance, e não sem vigor, a questão que organiza a trajetória do narrador Federico é de outra ordem – mais ampla e mais empenhada na articulação entre as questões raciais, as questões político-sociais e a limitação das políticas institucionais.

O romance se inicia quando o narrador conta sua ida a uma Comissão bastante específica. Morador de Brasília há anos, Federico, aos 49 anos, é reconhecido por ser um dos idealizadores do Fórum Social Mundial de Porto Alegre, por sua atividade em ONGs e por suas pesquisas sobre o colorismo.

A Comissão, recém-instalada pelo governo em 2016 (governo Temer, portanto), pretende decidir sobre formas de minimizar os atritos gerados pela Lei de Cotas e propor soluções aos problemas derivados da aplicação dessa política. Naquele momento, negros, pardos e indígenas se insurgiam contra a atitude de brancos que, dada a autodeclaração racial, visavam a se aproveitar das cotas; já alunos brancos, que defendiam a meritocracia, questionavam a política das cotas.

Quando Micheliney – a única negra da Comissão reconhecida como tal – apresenta aos seus membros o objetivo das discussões a serem por ela presididas, se explicita que o governo pretende criar um software para atestar o grau de veracidade da autodeclaração racial,<sup>3</sup> dada a efervescência que recrudescer pelas universidades de todo o país. A ficcionalização, assim, vale-se de uma questão de ampla repercussão na sociedade brasileira, para levá-la a certo grau de absurdo: o governo propõe, para atenuar o problema, a criação e a avaliação, pela Comissão, de um software “para selecionar quem era suficientemente preto, pardo ou indígena” (SCOTT, 2019, p. 27). O “novo governo” quer soluções – não importa o grau de viabilidade delas – porque precisa legitimar-se nesse e noutros campos, para ganhar respeitabilidade. No romance, pairam, assim, as tentativas do governo Temer, após o impeachment de Dilma Rousseff, de ganhar respeitabilidade – o que é posto em chave irônica dada a natureza do recurso para evitar o questionamento generalizado dos alunos das universidades quanto à justiça da Lei de Cotas.

---

<sup>2</sup> SCOTT, Paulo. *Marrom e amarelo*. 5ª reimpressão. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2019.

<sup>3</sup> Como se vê, o autor aplica-se, em sua obra, a discutir ficcionalmente eventos que mobilizam a opinião pública brasileira. (Isso já ocorria no romance *Habitante irreal*, de 2011, voltado para questões indígenas). Em *Marrom e amarelo*, Paulo Scott ficcionaliza os entes gerados pela Lei de Cotas, bem como analisa os problemas dela derivados e seus limites, como procuraremos demonstrar. Como se sabe, a implantação da política de cotas raciais se iniciou em 2000, nas universidades estaduais do Rio de Janeiro, por meio da autodeclaração de negros e pardos. Depois disso, a Universidade de Brasília incrementou a política de ações afirmativas, sendo a primeira universidade federal a utilizar o sistema de cotas raciais. Logo depois, várias outras universidades federais passaram a se valer da reserva de vagas para candidatos negros, pardos e indígenas. Como os critérios eram diversos, começou-se a discutir a criação de uma lei federal que unificasse a política de cotas, aprovada apenas em 2012: tornou-se obrigatória a reserva de parte das vagas (50%) para alunos oriundos de escolas públicas de baixa renda (até 1,5 salário mínimo), e para negros, pardos e índios (respeitando-se a quantidade correspondente à porcentagem que esses grupos representam no estado), com o intuito expresso de diminuir a desigualdade entre brancos e negros no país, devida à escravidão no país, de modo a iniciar um processo de reparação histórica. Uma das consequências negativas da implantação do sistema de cotas fundamentado na autodeclaração é o fato de que muitos brancos se inscreveriam como pretos ou pardos, para obter acesso mais fácil à Universidade. Passou-se, então, a criar, comissões dentro das instituições de ensino superior para que se verificasse e comprovasse a autodeclaração. A isso chamou-se, por vezes, de “tribunais raciais”.

Com aparência de homem branco, mas originário de uma família com pai negro e mãe parda de pele clara, Federico vai à primeira reunião da Comissão recém-instalada. Na cena que abre o romance, os membros da comissão são identificados como integrantes do Governo, procuradores da Justiça e um estudante. Federico, nomeado de última hora, é aceito por ter reconhecimento em seu trabalho em ONGs e seu ativismo na discussão do colorismo. Poucos sabem, porém, que suas vivências pessoais velam e desvelam o caráter racista da experiência de ser negro no Brasil, bem como explicam suas atitudes, por vezes enigmáticas. A tudo observa, mas parece pouco confiante nos resultados do que ali se discute.

É somente aos poucos e em fragmentos que o passado de Federico se revela a nós, leitores.<sup>4</sup> Os capítulos tendem a alternar a narrativa a partir do presente de 2016, na Comissão de Brasília (progressiva, portanto), com a narrativa de sua vida desde a infância, em 1973, até a juventude (em cenas autônomas do passado).

É com essa alternância entre a militância no presente e a história pregressa que vamos conhecendo as características de Federico – homem que, na vida adulta, parece descontente com sua própria atuação, embora tenha sucesso e reconhecimento. Por isso o romance busca, através dos relatos dos fatos passados, apresentar a peculiaridade daquele que, tendo a cor branca e o cabelo liso, ter sido educado pela mãe como membro de uma família de negros; daquele que, sendo branco na aparência, tinha um irmão “marrom” que pouco se interessava pela luta antirracista; daquele que, vivenciando situações de intenso preconceito e de violência contra negros, na própria família, na escola, no cotidiano, se imobilizara e guardava dentro de si raiva e ressentimento de si mesmo.

A trama, porém, não revela o episódio decisivo que marcara a vida de Federico; a construção dá pistas aos poucos: serão os episódios de preconceito vivenciados por ele desde a infância na escola? Serão os ensinamentos da mãe sobre serem negros e com os quais não se reconhece inteiramente, pois nada em sua família valoriza a cultura negra? Serão os eventos no Clube Leopoldina, quando, jovens ainda, ele e seu irmão saem em defesa da prima negra que foi ofendida por uma branca acompanhada da turma dos ricos de Moinhos do Vento, com consequências sérias, pois houvera luta corporal e ameaças? Será o fato de que, nesse confronto, Federico poderia ter evitado o acirramento da briga e, em vez disso, a acentuara? Será a somatória de todos esses fatos que se inscreveram nele sem que tivesse havido, de sua parte, a busca pelo significado dessas vivências?<sup>5</sup>

Os episódios em alternância entre passado e presente, no arco que vai de 1973 a 2016, vão revelando os preconceitos raciais que ocorrem desde sempre. Não apenas dão a dimensão pública do racismo bem como das tentativas relativamente recentes de apenas minimizar as desigualdades dele decorrentes por razões histórico-sociais (como a política de cotas), mas, e talvez especialmente, a dimensão privada das consequências de ter contato com a hostilidade contra os negros, sendo negro de origem, mas não reconhecido como tal. Ainda que a temática mais explícita do romance seja o racismo, o colorismo e as políticas públicas vigentes na contemporaneidade, a dimensão subjetiva das vivências de Federico dão o tom decisivo da narrativa.

Decerto a questão pública para que se evitem os confrontos entre estudantes brancos e negros, pardos e indígenas, atrai a atenção do leitor desde o início, até porque longos capítulos iniciais são dedicados a isso. Mas, para Federico, que só está ali devido ao pedido de uma amiga que fora convidada mas não poderia participar, todos os membros da

<sup>4</sup> A técnica de montar uma espécie de quebra-cabeças também domina a composição de *Habitante irreal*. Os fragmentos de histórias vão compondo um painel que só se esclarece aos poucos. Pode-se pensar se essa é uma técnica que se repete por escolha autoral ou se pode se tornar maneirista – o que só a sequência da produção de Paulo Scott poderia aquilatar.

<sup>5</sup> Pensamos aqui, como se depreende do enunciado, nas relações entre vivência (*Erlebniss*) e experiência (*Erfahrung*), tal como Walter Benjamin as concebe.

Comissão eram “gente sem importância no quadro geral da burocracia de Estado, gente que, no final das contas não representava ninguém” (SCOTT, 2019, p. 31). Mesmo assim – e com boa dose de paciência e um comprimido de Naprix –, ouve e registra as falas, que vão da defesa de alguns às críticas radicais de outros. Para ele, o grande risco da proposição esdrúxula de se inventar o software é a criação de um verdadeiro “tribunal racial”, como se essa fosse a solução objetiva para a questão dos confrontos.

Atento, Federico ouve o que se discute. Mas o que de fato está sendo acionado com essas discussões são as suas recordações e, então, um modo de reinterpretar sua posição ao longo da vida no que diz respeito ao racismo. Mas, como se disse, as peças são lançadas sem que se elucide qual foi o acontecimento decisivo que o fez perder a confiança em si mesmo – apesar de na situação presente ser um homem publicamente reconhecido por sua militância no movimento negro, em prol da educação dos jovens.

Federico parece obcecado por apreender a realidade em seus detalhes mais miúdos. É assim que, do ponto de vista estilístico, não são raras as enunciações em que cada segundo de suas ações seja relatado, sem que se priorize de imediato o foco de sua trajetória. Um exemplo, apenas:

Saio da minha casa pelo portão dos carros, coloco os pés na calçada, na mão direita a blusa que decidi levar comigo porque a meteorologia deu previsão de queda brusca na temperatura mais pro fim da manhã, na direita a pasta de aba com fecho elástico com os documentos e fotos que vou precisar ao longo do dia, subo a Coronel Vilagran Cabrita. Na Bento Gonçalves pego à esquerda no sentido centro-bairro, entro na Ki-pão, peço um sonho de creme, pago, saio. [e o detalhamento segue por mais algumas linhas, sem que se saiba o que de fato Federico irá fazer]. (SCOTT, 2019, p. 55)<sup>6</sup>

Esse, entre muitos outros trechos, marca estilisticamente grande parte da narrativa e indicia algo a respeito do próprio Federico: atento às minúcias, registra-as em detalhes, mas adia o movimento de esclarecimento a respeito do que tem em mente, como se suas ações estivessem à deriva. Parece haver, assim, uma espécie de apego ao real aparente que, no entanto, elide o significado dos atos, os quais permanecem obscuros e vão se revelando apenas em sua exterioridade. No trecho citado, Federico está se dirigindo à casa de Bárbara, com quem morou e por quem ainda é apaixonado, para lhe dar um doce e tentar uma reaproximação.

São muitos os episódios que marcam a trajetória de Federico, mas o decisivo só aparecerá bem mais à frente no romance. Mesmo tendo vivido inúmeras situações de racismo (e mesmo as praticado, contra o irmão negro), o que o marcou definitivamente foi um outro acontecimento.

Pela organização não linear inclusive do próprio passado do narrador, aparentemente a briga ocorrida à porta da Associação Leopoldina Juvenil – clube elitizado onde só entram convidados – teria sido a responsável pela culpa que Federico guarda consigo. Nessa ocasião, a injúria racial contra sua prima motivara o destempero

---

<sup>6</sup> Esse é um traço estilístico recorrente na prosa de Paulo Scott. Ainda que aqui o interpretemos sob um ponto de vista que caracteriza a personagem, parece-nos que se trata de uma peculiaridade do autor, que, segundo esta leitura, tende a aderir à *aparência do real* para identificar uma maneira de apreender como o real aparente – por suas minúcias – pouco revela das intenções das personagens, que permanecem elípticas até que se revele o significado da adesão aos detalhes. Veja-se, em *Habitante irreal*, como o procedimento também atua.

de Federico que, perdendo seu bom senso costumeiro, acirrara o confronto entre o grupo dos brancos e o dos negros. Um dos jovens brancos tentara dissuadi-lo, mas não conseguira. Como os seguranças foram chamados, os jovens negros e com eles Federico saíram de cena, mas um deles, Anísio, voltou e atirou num daqueles que participaram da confusão. Só se sabe disso porque Anísio pede para Lourenço, irmão de Federico, guardar a arma com que atirara num dos jovens brancos. Diante do desespero de Lourenço, Federico o ajuda a esconder a arma.

No entanto, já no presente, em 2016, essa arma fora encontrada por Roberta, filha de Lourenço. A jovem fora a uma manifestação contra a reintegração de posse dum prédio público, ocupado meses antes por famílias do MTST e levou o revólver. Revistada pela polícia, foi presa. Essa situação leva Federico a sair de Brasília, onde mora, e dirigir-se a Porto Alegre, onde vive a família. Empenha-se bastante para que Roberta seja libertada, mas percebe que algo parece ameaçador. Fala-se mesmo na possibilidade de enquadramento dela na Lei Antiterrorismo,<sup>7</sup> cujas brechas permitiriam “criminalizar movimentos sociais, enquadrar ativistas sociais” (SCOTT, 2019, p. 137).

Diante da gravidade da situação, e sabendo pelo advogado de Roberta que pode estar havendo interferências de algum superior, Federico investiga e descobre que o delegado-chefe do Gabinete de Inteligência e Assuntos Estratégicos da Polícia Civil, Pederiva Setúbal, é um velho conhecido. Trata-se, numa reviravolta perversa do passado, daquele que, no episódio da Associação Leopoldina, muitos anos antes, tentara evitar a briga, buscando dissuadir Federico de acirá-la. Como isso custara a vida do primo do delegado – o jovem assassinado por Anísio –, desde então Setúbal acompanha minuciosamente todos os passos da família, de Roberta inclusive. Num mecanismo violento de chantagem, o delegado-chefe afirma que livrará Roberta se eles denunciarem Anísio e o entregarem. Mas, como o delegado não é flor que se cheire e tem suas derrapadas, a família consegue o livramento de Roberta.

Aparentemente, tudo parece acabar bem, embora a Lei Antiterrorismo continue a ameaçar a família. Diante dos fatos, Federico decide abandonar Brasília, a Comissão, e voltar a morar em Porto Alegre. Em sua vinda à cidade, não apenas relembrou os fatos marcantes de sua vivência diante dos preconceitos, como também ouvira grave acusação de Caio, um jovem negro humilhado anos antes por Federico (por ser negro, o menino fora por ele tratado como mendigo) que superara a pobreza e se tornara dono de um bar na periferia de Porto Alegre. Para Caio, com o passar dos anos, mesmo tendo se tornado uma celebridade na questão negra, Federico de fato nunca fizera nada pela “raça”:

Que trabalho tu fez pra gurizada preta aqui do Partenon nos últimos dez anos, nos últimos quinze anos, perguntou [Caio]. Cara, tu não faz nada pelo teu bairro, acusou. Eu saí da merda porque me deram uma chance e me grudei nela [...] E ter saído da merda é o que me autoriza a dizer pra otário-arigó, quando eu encontro um, que ele tá abafando, mas não tá. [...] Tu é metidão, Federico. Olha tua cor, olha o teu cabelo, o jeito que tu usa esse teu cabelo lambido. Tu tem essa tua casca de branco, essa pele passe-livre do caralho. Tu nunca vai entender o que é ser preto, ser um fodido perseguido vinte e quatro horas na tua rua, no teu bairro, na tua cidade. [...] Tu não sabe o que é ser raça. Não te mete a defensor da causa, seu palmito zé roela oportunista de merda (SCOTT, 2019, pp. 97-98)

---

<sup>7</sup> Também aqui Paulo Scott enraíza o romance em fatos polêmicos da política brasileira. Em março de 2016, o Congresso Nacional aprovou a Lei Antiterrorismo. Mesmo com vetos da Presidente, foi sancionada por Dilma Rousseff. Classificam-se como atos de terror “incendiar, depredar, saquear, destruir ou explodir meios de transporte ou qualquer bem público ou privado”. Também se condenam ações de “interferir, sabotar ou danificar sistemas de informática ou bancos de dados” (Fonte: Agência Senado).

Os eventos vão se acumulando e Federico vai se dando conta de que seu caminho, desde a juventude, de fato o desencaminhou da luta direta e que sua atuação se limitava às questões institucionais tradicionais. Decide, então, que, já definitivamente em Porto Alegre, transferirá a sede de sua ONG e, com Roberta, começará um projeto “voltado pra promoção de pesquisa de resgate e cursos sobre a *história política* do Brasil e também pra atividades de *formação política* direcionadas pra jovens negros da Zona Leste da cidade” (SCOTT, 2019, p. 143, grifos meus).<sup>8</sup>

É só então que é revelado o mais decisivo dos eventos que presenciou e que determinou sua raiva interior – tão nociva para sua vida afetiva e política. O que o marcou definitivamente fora sua pusilanimidade diante do que doze negros haviam sofrido quando do exame de seleção para servir o Exército. O brutal acontecimento foi vivido por ele sem que Federico se manifestasse e acaba por engendrar toda a trama posterior. O sargento que examinava os jovens do grupo separara os negros do conjunto, ridicularizara aspectos corporais de um deles, questionara sua opção sexual, humilhara verbalmente todos os negros e exigira que eles se autodepreciassem. Um desses jovens negros, porém, revidou com um soco certeiro no rosto do sargento e depois chorara, o que “revelou não a sua valentia, mas o seu desespero, o desespero de quem, tendo a mesma idade que eu, sabia que tinha estragado sua vida, estragado a própria vida *por não se deixar humilhar*” (SCOTT, 2019, p. 131, grifos meus). Para não ser solidário com o jovem negro, a si mesmo se humilhara. E, mesmo que isso tenha lançado Federico a “um buraco mental profundo”, ele nada faz, a não ser sentir raiva.

É essa raiva profunda que acaba por engendrar a reação de Federico diante da humilhação sofrida por sua prima na Associação Leopoldina. É essa raiva profunda que o leva a atuar como *branco* pelos *negros*, por via das instituições reconhecidas. Sua pusilanimidade frente às questões do racismo e da desigualdade social que ele implica não são enfrentadas por ele, senão em atividades específicas, assistencialistas, e não antissistêmicas.

Por isso, a luta de sua sobrinha Roberta lhe é tão significativa.<sup>9</sup> Ela não atua em ONGs, nem em comissões de governo. Ela é militante de causas sociais; articula-se à luta pelos moradores sem teto, dá dimensão política não-institucional às suas atividades. Acaso o sofrimento de Roberta, por ver uma amiga sua perder o olho num confronto com a polícia, dá pistas também psicossociais para sua revolta. Mas, diferentemente do tio Federico, ela não desiste.

---

<sup>8</sup> Segundo o Relatório de análise socioeconômica da cidade de Porto Alegre de 2017 (Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Secretaria do Planejamento, Mobilidade e Desenvolvimento Regional. Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser) da autoria de Gisele da Silva Ferreira e Daiane Boelhouver Menezes, a região Leste é composta pelos bairros Bom Jesus, Chácara das Pedras, Jardim Carvalho, Jardim do Salso, Jardim Sabará, Morro Santana, Três Figueiras e Vila Jardim. A Região tem 8,11% da população do Município, com densidade demográfica de 7.417,85 habitantes por Km<sup>2</sup>. A taxa de analfabetismo é de 2,62%, e o rendimento médio dos responsáveis por domicílio é de 4,77 salários mínimos. A Região Partenon é composta pelos bairros Cel. Aparício Borges, Partenon, Santo Antônio, São José e Vila João Pessoa. A Região tem 8,44% da população do Município, com densidade demográfica de 8.162,18 habitantes por Km<sup>2</sup>. A taxa de analfabetismo é de 2,9%, e o rendimento médio dos responsáveis por domicílio é de 3,58 salários mínimos.

<sup>9</sup> Não fica claramente comprovado no enredo, mas, ao que parece, Roberta não é uma militante de ocasião. Ainda que venha do delegado Setúbal (que persegue a família desde a morte de seu primo na Associação Leopoldinense) a acusação de que ela está engajada numa organização política clandestina, a hipótese não é desmentida, e as atitudes de Roberta podem ser indícios de sua militância organizada.



Indiretamente, a sobrinha redireciona a luta de Federico. E, ainda que fique em aberto o modo pelo qual Lourenço, Federico e Roberta resolverão a pendência com Anísio – para evitar que o delegado-chefe continue a perseguir a jovem –, não é esse o centro da questão. A (ir)resolução de um conflito que parece central na trama é, não um defeito, mas uma qualidade literária. Federico, ao rever todas as vivências que o enredaram num caminho equivocado em sua defesa institucional da negritude, apreende sua experiência. E decide-se a atuar de outro modo. Ao entrar numa luta para reorganizar movimentos sociais, voltados para a população das periferias, a questão da negritude associa-se mais organicamente à *luta política de classes* – o que, no Brasil, não se desprende da questão negra, mas não se limita a ela.

Isso nos leva a novos temas de discussão que se voltam para a nossa realidade político-social por meio também da literatura – que se torna um espaço de intervenção política. Esses temas trazem ao centro do debate as questões centrais, por vezes esquecidas na vida verdadeira, quando se trata de assuntos como o racismo: a institucionalização das questões identitárias é um caminho para superar as vivências subjetivas e sociais? Ou o caminho é a luta de movimentos sociais que forjariam a transformação política e social?

## referências bibliográficas

AGÊNCIA SENADO. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/tags/Lei%20Antiterrorismo>. Acesso em: 18 de agosto de 2022.

BENJAMIN, Walter. “Sobre alguns temas em Baudelaire”. In: Charles Baudelaire. Um lírico no auge do capitalismo. Tradução de José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989, pp.105-113.

BENJAMIN, Walter. “Experiência e pobreza”. In: Magia e técnica, arte e política. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 3ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, pp. 114-119.

BENJAMIN, Walter. “O narrador”. In: Magia e técnica, arte e política. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 3ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, pp. 197-221.

FERREIRA, Gisele da Silva; MENEZES, Daiane Boelhouver. *Relatório de análise socioeconômica da cidade de Porto Alegre de 2017*. Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Secretaria do Planejamento, Mobilidade e Desenvolvimento Regional. Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser. 2017.

SCOTT, Paulo. *Marrom e amarelo*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019.